



TITULO: Criação de Mídias Sonoras como Proposta de uma Crítica Genética Inclusiva¹

EJE: Extensión, docencia e investigación

AUTORES: ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra; CORREA, Sandra Cristina Souza; DIAS, Raquel Borges; SILVA, Luzia Alves da Silva; SILVA, Vera Lucia Ruiz Rodrigues da; TURECK, Lucia Terezinha Zanato.

REFERENCIA INSTITUCIONAL: UFBA – Universidade Federal da Bahia e UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil.

CONTACTOS: smganastacio10@gmail.com; sandracorre@gmail.com; raquelrachel@yahoo.com.br; luziaas@terra.com.br; vlrrsilva29@gmail.com; lutureck@hotmail.com.

RESUMEN

O objetivo do presente trabalho é articular tradução, ensino, estudo de mídias sonoras, inclusão educacional e crítica genética. Essa confluência de saberes e temas foi colocada a serviço da passagem de um texto literário em língua inglesa para o português a fim de analisar a trajetória de tais processos tradutórios. O texto é o conto do escritor norte-americano Ernest Hemingway, *A clean, well-lighted place*, 1926, traduzido como *Um lugar limpo e bem iluminado*, que entrou para audiolivro nas modalidades de leitura interpretada e leitura “branca”. A primeira modalidade aponta para a gravação do texto literário por atores da Escola de Teatro da UFBA. Já a segunda modalidade de gravação, que utiliza um programa do Ministério da Educação - MEC, o MecDaisy, um leitor para pessoas com deficiência visual, este privilegia dar-lhes acesso ao texto literário que a presente pesquisa se propôs a analisar. Tanto a leitura interpretada, como a “branca”, ambas gravadas no audiolivro em questão, mostraram-se capazes de ampliar as possibilidades de fruição dos ouvintes e o processo de criação dessa mídia é uma construção complexa que mereceu ser analisada. Este trabalho, portanto, se volta para uma Crítica Genética Inclusiva, em que as pessoas com problema de visão ocupam um lugar especial na construção da mídia em questão, que se mostrou relevante para o aprendizado de uma língua estrangeira, mais especificamente, da língua inglesa.

Palavras-chave: tradução; criação; audiolivro; ensino; inclusão.

1 Introdução

¹ O termo Crítica Genética Inclusiva foi cunhado por Patrícia Silva de Jesus, especialista em Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, em 2009, no seu Anteprojeto de Pesquisa submetido à seleção para Pós-Graduação da UFBA, intitulado “Crítica Genética de Processos Assistivos”.



O presente trabalho articula tradução, ensino de língua inglesa, mídias sonoras e inclusão educacional. Essa confluência de saberes foi colocada a serviço da passagem de um texto literário em língua inglesa para o português e sua transposição para o suporte audiolivro, propondo reflexões sobre a trajetória dos processos tradutórios trilhada. Trata-se de um trabalho vinculado ao grupo de pesquisa “Tradução, processo de criação e mídias sonoras” (PRO.SOM) do Departamento de Línguas Germânicas do Instituto de Letras da UFBA em parceria com a Escola de Teatro da UFBA.

Considerando que os textos contemporâneos em formato de audiolivro, especialmente obras literárias em língua inglesa traduzidas para o português, têm escasso número de títulos à venda, os pesquisadores do presente projeto de mídias sonoras decidiram investir nessa direção. Isso porque acredita-se que o acervo disponível para compra não atenda à demanda dos interessados, bem como às necessidades dos leitores com deficiência visual, que poderiam se beneficiar com tal mídia. A ideia foi então explorar esse nicho ainda por ser garimpado e construir uma ponte entre o ensino de língua inglesa, os processos de criação implicados na construção da mídia e a questão da acessibilidade.

O texto fonte, objeto deste estudo, foi o conto do escritor norte-americano Ernest Hemingway, *A clean, well-lighted place*, 1926, traduzido como “Um lugar limpo e bem iluminado”, o qual retrata o período do pós-guerra na Espanha, e entrou para audiolivro nas modalidades de leitura interpretada e leitura “branca”. A primeira modalidade foi a gravação do texto literário por atores da Escola de Teatro da UFBA e, nessa etapa da tradução intersemiótica de uma mídia impressa para outra sonora, focalizou-se a importância da roteirização do texto traduzido no processo de criação da mídia. Já a segunda modalidade de gravação utilizou o Programa Mecdaisy, que oportunizou às pessoas com deficiência visual acesso ao texto literário que este trabalho se propôs a analisar.

Como o público-alvo privilegiado do presente trabalho são essas pessoas com deficiência visual, foi necessário pesquisar sobre a percepção de mundo que elas têm. Faz-se necessário compreender que, para elas, em particular, o papel da linguagem verbal enquanto instrumento de mediação nos processos de apropriação do conhecimento é mais do que fundamental. Os estudos de Vigotski (1997) explicitam que, através dela, as pessoas com deficiência visual passam a conhecer e compreender conceitos que serão importantes para o processo de aprendizagem e desenvolvimento, ao longo de sua existência. Como explica o autor a respeito dessa deficiência:



[...] a cegueira é não somente a falta da visão (o defeito de um órgão específico), senão que ainda provoca uma grande reorganização de todas as forças do organismo e da personalidade. [...] reanima novas forças, modifica as direções normais das funções e, de uma forma criadora e orgânica, refaz e forma a psiquê da pessoa. [...] uma fonte de manifestação das capacidades, uma força (VIGOTSKI, 1997, p. 74 – tradução nossa)².

O que fica aqui implícito é que não ocorre simplesmente uma substituição dos sentidos, pois, “no caso da cegueira, não é o desenvolvimento do tato ou o refinamento da audição, senão a linguagem, o uso da experiência social, a relação com as pessoas que vêem {que} constitui a fonte da compensação. [...] A palavra vence a cegueira!” (VIGOTSKI, 1997, p. 81 – 82 – tradução nossa)³. Pode-se, assim, reconhecer a contribuição possível dos audiolivros para essas pessoas, especialmente refletindo sobre o que diz Leontiev (1978), segundo o qual, pela aquisição da linguagem, as pessoas com deficiência conseguem internalizar, refletir, abstrair e compreender as informações acerca do mundo que as rodeia; ou seja, apropriar-se da cultura e dos conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade.

Além disso, oportunizar às pessoas com deficiência visual experiências que lhes possibilitem desenvolver suas funções psicológicas superiores (atenção, percepção, memória, dentre outras) é fundamental para que elas consigam, especialmente durante seu processo de escolarização, apropriar-se dos conhecimentos que lhes são transmitidos. Conseguem então apreender as informações necessárias ao próprio processo de aprendizagem.

De modo que o texto de Hemingway traduzido para o português, mencionado acima, veio a corroborar não só no aprendizado de inglês do Curso de Letras da UFBA, como também mostrou-se relevante para afinar a percepção de mundo do sujeito que tem uma deficiência visual. Afinal, segundo o psicólogo Gardner (1993), em seu livro que trata das múltiplas inteligências que existem, aqueles que têm dons ou habilidades musicais irão

² [...] la ceguera es no sólo la falta de la vista (el defecto de un órgano particular), sino que además provoca una gran reorganización de todas las fuerzas del organismo y de la personalidad. [...] reanima nuevas fuerzas, cambia las direcciones normales de las funciones y, de una forma creadora y orgánica, rehace y forma la psique de la persona. [...] una fuente de manifestación de las capacidades, una fuerza (VIGOTSKI, 1997, p. 74).

³ En el caso de la ceguera, no es el desarrollo del tacto o la agudización del oído, sino el lenguaje, la utilización de la experiencia social, la relación con los videntes, constituye la fuente de la compensación. [...] La palabra vence a la ceguera (VIGOTSKI, 1997, p. 81 - 82).



valorizar um tipo de ensino-aprendizagem que enfatize um *input* mais auditivo. E, naturalmente, pode-se inferir que o audiolivro traduzido pela equipe de pesquisadores do projeto de mídias sonoras ocupa aqui um papel central, em especial para pessoas cegas, para quem o estímulo sonoro é forma importante de captação do mundo.

2 O processo de tradução

Traduzir obras literárias para uma mídia sonora é um trabalho que implica em escolhas. Estas incluem negociações, em vários níveis, entre o texto fonte e o alvo, bem como atualizações do contexto da obra para o seu pólo receptor e da linguagem escrita para uma midiática, em que os recursos sonoros passam a ocupar um papel fundamental. Nasce então um novo texto performático, de autoria coletiva, pois, tecido a várias mãos, prova ser o resultado de uma série de negociações, que o dossiê genético será capaz de revelar.

Comentando sobre as artes performáticas e a performance, Carlson (2009, p.13-15):

As artes performáticas [...] requerem a presença física de seres humanos treinados ou especializados , cuja demonstração de certa habilidade seja a *performance*.

[...] Há dois conceitos diferentes de performance, um envolvendo a exibição de habilidades, e outro também abrangendo exibição, mas menos de habilidades do que de modelo de comportamento reconhecido e codificado culturalmente.

[...] A diferença entre fazer e performar [...] parece estar não na estrutura do teatro *versus* vida real mas numa atitude - podemos fazer ações sem pensar mas, quando pensamos sobre elas, isso introduz uma consciência que lhes dá a qualidade de performance.

Dessa (re) criação performática fizeram parte não só os tradutores do texto de Hemingway do inglês para o português, como também atores e professores da Escola de Teatro da UFBA, além de um especialista em roteiro. No caso da passagem do texto escrito para um audiolivro, a questão da autoria tem um relevo especial, considerando que o que se tem nessa nova tradução é uma autoria coletiva. Isto porque, no mundo contemporâneo, o que se observa, cada vez mais, é uma autoria em rede na qual ecoam tantos outros textos. Essa articulação é oportunizada pela ampla penetração midiática em que os autores se interconectam e, juntos ou espacialmente separados, se empenham na construção de um mesmo texto.



Em uma criação coletiva, importa refletir sobre a tradução de uma obra impressa para uma mídia oral, considerando que o novo suporte demanda um texto com características próprias, que facilite a comunicação com o público-alvo, mais especificamente, com o ouvinte de um audiolivro. E a função que o novo texto traduzido desempenha na cultura alvo remete a reflexões sobre a *Skopostheorie* analisadas a seguir:

O trabalho de Reiß & Vermeer (1984) introduz na Área dos Estudos Tradutórios, ou da Ciência da Tradução como preferem os autores, a *Skopostheorie*, ou seja, uma Teoria de Objetivos, também conhecida como Teoria da Funcionalidade. Segundo Vermeer, o que importa é que a intenção de comunicar seja realizada no texto de chegada. [...] a tradução é uma oferta de informação dentro de uma cultura de chegada e de seu código linguístico a partir de uma oferta de informação originária de uma cultura de partida e de seu respectivo código linguístico (ALVES e SCHEIBLE, 2006, p. 174-175).

Levando em conta a funcionalidade desse novo texto em um novo local enunciativo, refletiu-se sobre o fato de que o conto de Hemingway editado em audiolivro não poderia conter notas de rodapé ou glossários; estes, quando necessários, são bem vindos na publicação de um livro impresso. Mas o novo texto na língua de chegada, em audiolivro, teve que primar por uma comunicação que facilitasse o ouvinte a construir suas imagens mentais a partir dos signos sonoros que recebesse. Assim, as marcas de oralidade precisariam ser privilegiadas, o que se refletiu na construção dos roteiros para gravação. O fato é que cada nova leitura e gravação ou edição do conto de Hemingway suplementou os textos anteriores, ressignificando-os e dando-lhes uma nova função no contexto em que seriam inseridos. Isso porque cada lugar de fala reconfigura o texto, desconstruindo-o e abrindo-lhe novas perspectivas de interpretação.

3 O dossiê genético da tradução do conto de Hemingway

A tradução interlingual do conto de Hemingway, *A clean, well-lighted place*, em português “Um lugar limpo e bem iluminado”, realizada em 2008, gerou um texto de seis páginas, em fonte *Times New Roman*, tamanho 12, Programa Word. Esse resultado tradutório utilizou operadores genéticos pelas pesquisadoras, além do uso de balões de revisão do Programa Word, resultando em quatro versões digitalizadas da referida tradução comentada. Os operadores genéticos utilizados pelo grupo foram os seguintes: [] para eliminar; < > para adicionar; // para registrar possíveis opções tradutórias; { } para inserir



comentários dos pesquisadores dentro do texto traduzido. A vantagem de se utilizar esses operadores foi o de preservar o percurso criativo, considerando que nada foi apagado, ao longo do processo tradutório. Para ilustrar a utilidade dos operadores, segue uma amostragem de duas versões:

<p>Sentaram juntos em uma mesa que dava para a parede próxima à porta/perto da porta. Olharam para o terraço e viram que as mesas estavam todas vazias, menos/exceto a do homem sentado à sombra das folhas da árvore, que se moviam/movimentavam suavemente [por causa] <ao sabor> do vento.</p> <p>Uma garota e um soldado passaram pela rua. A luz da rua fez luzir/brilhar um número cravado em bronze no [seu colar] <colarinho dele> {colar é falso cognato em inglês} {inserir pronome “dele” para evitar ambiguidade no texto de chegada} . A garota tinha a cabeça descoberta e apressou o passo para acompanhá-lo.</p>	<p>Sentaram juntos em uma mesa que dava para a parede próxima à porta. Olharam para o terraço e viram que as mesas estavam todas vazias, menos a do homem sentado à sombra das folhas da árvore, que se moviam suavemente ao sabor do vento.</p> <p>Uma garota e um soldado passaram pela rua. A luz da rua fez brilhar um número cravado em bronze no colarinho dele. A garota tinha a cabeça descoberta e apressou o passo para acompanhá-lo.</p>
--	---

Versão 1

Versão 3 (já limpa para roteirização)⁴

A tradução foi realizada em um período de três meses: em maio de 2008 apenas pelos alunos; em junho pelos alunos e pela orientadora, momento em que foi feita uma revisão em conjunto; finalmente, no mês de julho, a última revisão com consulta de outros pesquisadores. Nessa última fase da tradução interlingual, foram apagados os operadores genéticos para que o texto seguisse para o roteirista.

O primeiro manuscrito digital gerado na etapa das gravações e edições do conto de Hemingway foi produzido em 19 de outubro de 2008, na Escola de Comunicação. A gravação foi feita na voz do aluno de Teatro da UFBA, Camilo Domingues; no momento da edição, que ocorreu em seguida, decidiu-se usar a música de Debussy, “Claire de lune” como trilha introdutória do conto. Os pesquisadores sugeriram essa trilha sonora por ser “Claire de lune” uma melodia típica do movimento impressionista da França na música que

⁴ They sat together at a table that was close against the wall near the door of the cafe and looked at the terrace where the tables were all empty except where the old man sat in the shadow of the leaves of the tree that moved slightly in the wind. A girl and a soldier went by in the street. The street light shone on the brass number on his collar. The girl wore no head covering and hurried beside him (HEMINGWAY, 1963, p. 417).



poderia combinar com a abertura do conto, em que um jogo de luz e sombra toma conta do espaço:

Já era muito tarde e todos já tinham saído do café, menos um senhor de idade, sentado à sombra das folhas de uma árvore, próximo a um poste de luz. Durante o dia, a rua ficava empoeirada, mas à noite o orvalho acomodava a poeira e o senhor gostava de ficar ali até tarde porque, como era surdo, à noite tudo ficava quieto e ele podia sentir a diferença. Os dois garçons do café sabiam que o senhor já estava um pouco bêbado e que apesar de ser um bom cliente, quando bebía, às vezes saía sem pagar a conta, por isso tinham que ficar prestando atenção nele (HEMINGWAY, 1993, *ibidem*).⁵

O primeiro teste de recepção do audiolivro produzido ocorreu com a participação de acadêmicos da disciplina Conto em Língua Inglesa, do Curso de Letras, da UFBA, em 22 de outubro do mesmo ano, 2008. As avaliações dos alunos apontaram alguns problemas, como: nos diálogos curtos, os ouvintes ficaram, por vezes, sem saber quem era o falante, se o garçom mais novo, se o mais velho ou o cliente; o monólogo interior existente no texto parecia complexo e difícil de ser articulado ao resto da narração; a contextualização em que a história se passa não estava clara; e, por fim, o deslocamento de um dos personagens de um bar a outro era quase imperceptível.

Na continuidade das pesquisas, elaborou-se o segundo manuscrito digital, levando em conta os aspectos acima apontados na avaliação realizada. A segunda versão digital sonora foi feita na voz de Luiza Prosérpio, ainda em 2008, no Estúdio de Luciano Bahia; foi retirada a trilha de Debussy, substituída por acordes de piano. A visão do grupo de pesquisadores à época era de que a gravação não deveria ter quase efeitos sonoros, ser a mais seca possível para deixar espaço para a audiência, com a imaginação, ampliar o que ouvisse. Observou-se que a música de Debussy poderia gerar efeitos impressionistas e evocar imagens relacionadas àquela conhecida melodia; enquanto que os acordes de um piano teriam um efeito mais neutro sobre o receptor, que faria ativamente as suas próprias associações. Além da troca de música de Debussy por acordes de piano, houve o

⁵ It was very late and everyone had left the cafe except an old man who sat in the shadow the leaves of the tree made against the electric light. In the day time the street was dusty, but at night the dew settled the dust and the old man liked to sit late because he was deaf and now at night it was quiet and he felt the difference. The two waiters inside the cafe knew that the old man was a little drunk, and while he was a good client they knew that if he became too drunk he would leave without paying, so they kept watch on him (HEMINGWAY, 1963, *ibidem*).



acréscimo de uma introdução que contextualizasse o conto; também o monólogo interior recebeu um ritmo marcado, com efeito de ecos; ainda foi introduzido o som de passos para evidenciar o deslocamento de um bar a outro. O roteiro ilustra o início do conto, na nova versão; o texto passou a caixa alta, as vírgulas substituídas por / e os pontos por //:

NARRADOR - NO CONTO/ UM LUGAR LIMPO E BEM ILUMINADO/ A NARRATIVA DE HEMINGWAY SE PASSA NA ESPANHA EM MIL NOVECENTOS E QUARENTA E NOVE/ PÓS GUERRA MUNDIAL// A ESPANHA ESTAVA SOB A DITADURA DO GENERAL FRANCISCO FRANCO/ QUANDO HAVIA UM TOQUE DE RECOLHER A ZERO HORA E QUANDO AS PESSOAS QUE ERAM VISTAS ANDANDO NA RUA JÁ TARDE IAM PARA A PRISÃO// NO INÍCIO DO CONTO/ É ESTE O CASO DO SOLDADO PASSANDO PELA RUA/ JÁ TARDE/ COM UMA MOÇA QUE CERTAMENTE NÃO ERA BEM COMPORTADA NEM DE BOA FAMÍLIA/ POIS NEM A CABEÇA ESTAVA COBERTA/ COMO SE USAVA NA ÉPOCA// MAS O SOLDADO QUE IA COM ELA/ TALVEZ/ NÃO SE IMPORTASSE MUITO SE SERIA PRESO OU NÃO// O QUE ELE PROVAVELMENTE QUERIA ERA IR DORMIR COM A MOÇA// ENQUANTO ISSO/ EM UM CAFÉ ACONCHEGANTE/ UM VELHO SOLITÁRIO BEBERICA SEUS ÚLTIMOS TRAGOS DA NOITE//
TEC – SOBE MÚSICA ACORDES DE PIANO//
NARRADORA - UM LUGAR LIMPO E BEM ILUMINADO/ POR ERNEST HEMINGWAY// TRADUÇÃO DE SÍLVIA MARIA GUERRA ANASTÁCIO/ SANDRA CORREA/ ANDRÉA GOMES E REVISÃO DE SUZIE SANTOS//
NARRAÇÃO LUISA PROSÉRPPIO// GRAVADO POR LUCIANO BAHIA//
PRODUÇÃO DE GIDEON ROSA/ SALVADOR/ SETEMBRO DE 2009//
TEC – FIM DOS ACORDES DE PIANO//

Esse roteiro foi novamente testado com alunos de Conto em Língua Inglesa da UFBA, no semestre seguinte e, pode-se constatar que, com os acréscimos feitos na segunda versão de gravação, a compreensão do texto e do contexto histórico foram mais facilmente entendidos pelos alunos. Observou-se, então, a utilidade de se investir na roteirização dos textos para tornar o processo de gravação mais eficiente e, naturalmente, agilizar essa etapa. Mas os testes de recepção não pararam por aí. O próximo passo foi ouvir pessoas com deficiência visual e perceber como elas reagiriam ao texto de Hemingway em audiolivro que ouviram.

Naquele momento, ocorreu o encontro de alguns pesquisadores do PRO.SOM com uma consultora da UNESCO em Salvador para assuntos de acessibilidade, Patrícia de Jesus, na Biblioteca dos Barris, em 2009. O tema foi “Livro falado/leitura branca para pessoas com deficiência visual” e realizou-se um *workshop* com grupo de cegos, em que se



percebeu que as suas preferências ficaram divididas: de um lado, o livro falado, de outro, o audiolivro com efeitos sonoros e interpretação.

Com a implantação da política de inclusão educacional, o MEC desenvolveu o Programa Mecdaisy, ao qual o grupo de pesquisadores PRO.SOM da UFBA teve acesso, posteriormente. Ali foi ministrado um Curso de Metodologia de Geração de Livros Digitais Acessíveis no Padrão Daisy, em janeiro de 2011. O Padrão Daisy refere-se ao *Digital Accessible Information System*, utilizado para a produção e leitura de livros digitais; ele foi adaptado às especificidades brasileiras, recebendo esta denominação Mecdaisy. Trata-se de um recurso que está sendo implantado nas salas de recursos multifuncionais da rede de escolas públicas, onde ocorrem atendimentos educacionais especializados – AEE para alunos com deficiência visual. As características básicas dessa ferramenta são descritas no Portal do MEC (2011):

A tecnologia Mecdaisy permite que o usuário leia qualquer texto, a partir de narração em áudio ou adaptação em caracteres ampliados, além de oferecer opção de impressão em braille, tudo a um só tempo. Além disso, a tecnologia oferece recursos de navegabilidade muito simples. A partir de movimentos de teclas de atalhos ou do mouse, o leitor pode fazer anotações e marcações no texto, avançar e recuar na leitura etc. [...] descreve figuras, gráficos e qualquer imagem presente no documento [...] o conjunto de programas ainda vem acompanhado de uma metodologia de produção de livros em formato digital acessível. Assim, a tecnologia permite a leitura de qualquer texto disponível no computador e a produção de livro digital.

Em abril de 2011 ocorreu mais um processo de análise da recepção do audiolivro em questão com o objetivo de avaliar as alterações e aperfeiçoar a sua produção. O grupo participante foi composto por estudantes, bem como por profissionais jovens e adultos com deficiência visual, membros da Associação Cascavelense de Pessoas Cegas - ACADEVI - Cascavel, Paraná, os quais fazem uso do DOSVOX (voz sintética) para a leitura de textos. Eram cinco mulheres, de 22 a 43 anos, sendo duas cegas e três com visão reduzida, duas concluintes do ensino médio, uma acadêmica de Pedagogia e duas pedagogas, com pós-graduação em Educação Especial; os homens, em número de três, de 21 a 34 anos, sendo um cego e dois com visão reduzida, dois cursando ensino fundamental e um acadêmico de Pedagogia. Destaca-se que o grupo em questão tem experiência no uso do DOSVOX, ferramenta criada e desenvolvida no Núcleo de Computação Eletrônica da UFRJ, em



meados da década de 90, que possibilita às pessoas cegas a leitura de textos digitalizados e também a editoração de textos.

Sobre o acesso que essas pessoas costumam ter a textos literários, obteve-se a informação de que, em geral, lêem textos literários impressos em Braille (cegos) ou ampliados graficamente; ouvem ainda os textos no computador com o uso do DOSVOX ou de audiolivros, sendo esses gravação com voz humana a partir de uma leitura 'branca'. No caso da leitura de textos ampliados graficamente por pessoas que possuem baixa visão, há a necessidade de se fazer um esforço visual, o que dificulta a percepção do conteúdo do texto. Dessa forma, os audiolivros favorecem o acesso aos livros; os audiolivros superam a leitura robótica, não apenas pela voz humana, mas pelo ritmo; com a pontuação, especialmente pelas pausas, a compreensão é facilitada.

Sendo esse grupo exposto à leitura interpretada por Luísa Prosérpio do texto "Um lugar limpo e bem iluminado" de Ernest Hemingway, as análises expuseram o seguinte: a voz humana dá idéia da personalidade dos personagens; o fundo musical e os ruídos favorecem a imaginação e a emoção, imprimindo vida ao texto; a entonação traz emoção, possibilita ativar a imaginação do ouvinte, que 'viaja' com as imagens; o audiolivro provoca uma situação envolvente e prazerosa; a leitura dramatizada tem pausas, que ajudam a manter a atenção. Houve também quem dissesse que esse tipo de recepção deixa o leitor mais relaxado, aberto para 'entrar' no texto, 'viver' a literatura; que essa modalidade favorece a compreensão do texto literário, pois, segundo os entrevistados, os científicos, com freqüência, exigem intensa reflexão e retorno à leitura do texto analisado; e ainda houve quem dissesse que a leitura dramatizada é mais indicada para textos curtos. Foi perceptível, pela postura corporal e pelas expressões faciais dos participantes, além da sua expressão verbal, o prazer estético que a fruição do audiolivro provocou.

Como se pode perceber, foi intenção desta pesquisa recuperar o percurso de tais processos e, para tanto, fazer recortes para comentar alguns aspectos instigantes dos manuscritos analisados. Como refere Biasi (2002, p. 224):

As significações da obra textual são produtos híbridos, essencialmente relativos a seu período de surgimento, ao ambiente sociohistórico e intelectual de seu contexto nativo, e que não cessam de se transformar ao longo do tempo de acordo com a evolução das realidades sociais, da língua e da cultura do leitor. Nesse sentido, a crítica genética é inseparável de uma crítica da recepção. A única verdade do texto que pode permanecer intacta



diante dessas metamorfoses é a dimensão heurística: a capacidade que certas obras têm de suscitar no leitor uma liberdade de pensamento que o afaste das idéias feitas e dos preconceitos. A história dos textos demonstra que a verdade, inseparável de suas sempre relativas formulações, não é da ordem do acabamento: é uma exigência, algo que se busca, se aprofunda, se alarga, e cuja definição comunicável, sempre incompleta e provisória, é objeto de uma perpétua reescritura.

Hoje, o grupo de pesquisadores do PRO.SOM tem buscado aperfeiçoar-se na roteirização de textos para enriquecer as próximas gravações dos audiolivros com recursos sonoros. Sentiu-se, então, essa necessidade, a partir de um Curso de Roteiro ministrado ao grupo de pesquisadores em fevereiro de 2011, na UFBA. Percebeu-se, ainda, a importância de suplementar o texto fonte, quando necessário, com introduções que trouxessem o contexto da história, o que pode incluir fatos políticos ou questões culturais relacionadas a uma determinada época.

Contudo, ao se trabalhar com o audiolivro em sala de aula, nem sempre as explicações são bem vindas, pois também se sugere que o aluno tenha uma recepção mais ativa e interativa com o texto e com os efeitos sonoros que forem incluídos na mídia sonora. Assim, o aprendiz poderá construir, a partir daquele teatro invisível que consegue perceber, as suas próprias imagens mentais, que poderão gerar discussões profícuas.

4 Uma proposta de ensino: o conto de Hemingway em aula de Língua Inglesa

As interrelações que um texto literário possibilita podem abrir um espaço exploratório interessante para o processo de ensino e aprendizagem em aulas de línguas estrangeiras. E, ao se considerar a literatura como a expressão maior de um povo e de sua cultura, não há como negar a necessidade de se investir em abordagens diversas para apresentar textos literários que contemplem os vários tipos de inteligência dos alunos. Sejam essas inteligências do tipo que privilegiam mais a fluência verbal, como os escritores; ou lógico-matemático, como os cientistas; ou cinestésicos, como os que privilegiam o movimento, como os dançarinos e coreógrafos; ou os que têm aptidão espacial, como os artistas plásticos; ou finalmente, os que são facilmente levados pelos sons, como os músicos (GARDNER, 1993).

Naturalmente, que uma abordagem interdisciplinar que apresente um leque de informações, utilizando vários canais ou sentidos para motivar os alunos, irá despertar a imaginação e a criatividade do aluno. A partir daí, o que se espera é que os alunos se



interessem por várias outras áreas culturais, penetrando em redes semióticas mais complexas.

Ao fazer uso de um audiolivro em aula de língua estrangeira, a voz será um elemento de destaque. De modo que, ao se explorar um texto literário, a voz que conduzir essa história pode até mesmo ser capaz de sugerir a construção dos personagens. Isto porque, segundo Cavarero (2011, p. 22), “no registro da voz, ecoa a condição humana da unicidade. [...] A unicidade da voz é um dado indiscutível da experiência, tecnologicamente provada pelas máquinas digitais que traçam seu espectro.”

De modo que, a partir da inflexão das vozes, uma discussão rica pode ser gerada. Todo um perfil de personagem se constrói e vai sendo discutido em sala de aula. Ora mais grave, ora em um tom mais irônico, ora mais impaciente; enfim, todo um leque de experiências humanas vai sendo traçado e discutido. E, no caso da história de Hemingway, a impaciência e a irritabilidade do garçom mais jovem, com raiva do velho cliente que não para de beber e não sai do bar, transparece na voz. Também a solidariedade para com o velho transparece na modulação da voz do garçom mais idoso, provavelmente, tão solitário quanto o seu cliente. São, portanto, experiências e vivências humanas diferentes, que se incorporam nessas melodias orquestradas pelo narrador do conto.

A mesma narradora, habilmente, vai incorporando um e outro personagem, no conto de Hemingway, criando modulações diferentes para rostos diferentes. Mas, levando em consideração a unicidade da voz, ainda uma versão posterior da mídia “Um lugar limpo e bem iluminado” será gerada. Um dado importante colhido, na última avaliação feita com um grupo de pessoas com deficiência visual, de Cascavel, foi a sugestão de se fazer outra gravação, desta vez com vários personagens/atores para que a distinção entre eles fique bem definida.

Ainda tirando proveito dos recursos sonoros sugeridos no roteiro, que gerou a última edição do conto em análise, leia-se:

GARÇOM MAIS VELHO - (PENSANDO) VAI VER QUE É A LUZ QUE ATRAI AS PESSOAS PARA ESSE BAR// MAS É PRECISO QUE O LUGAR SEJA TAMBÉM LIMPO E AGRADÁVEL// ÀS VEZES/ AS PESSOAS NEM FAZEM QUESTÃO DE OUVIR MÚSICA// HOJE NEM SE PODE MAIS FICAR SENTADO NUM BAR COM DIGNIDADE// MAS A ESSA HORA DA NOITE/ QUE MAIS SE PODE FAZER?// DE QUE SERÁ QUE ELE TINHA MEDO?// NÃO/ NÃO ERA NEM MEDO NEM PAVOR// NÃO ERA NADA// NADA QUE SE PUDESSE ENTENDER DIREITO// TUDO ERA NADA E O SER HUMANO



TAMBÉM ERA NADA// ERA SÓ ISSO E LUZ/ TUDO O QUE SE PRECISAVA/
TAMBÉM UM POUCO DE LIMPEZA E ORDEM// ALGUNS VIVIAM ASSIM E
NUNCA PERCEBIAM/ MAS ELE SABIA QUE TUDO ERA NADA Y PUES
NADA Y NADA Y PUES NADA// NOSSO NADA QUE ESTAIS NO NADA/
NADA SEJA O VOSSO NOME/ VOSSO REINO NADA/ VÓS SEREIS NADA
ASSIM NA TERRA COMO NO NADA// DAI-NOS O NOSSO NADA DE CADA
DIA E NADA MUDA NADA/ MAS LIVRAI-NOS DO NOSSO NADA// PUES
NADA// SALVE O NADA CHEIO DE NADA/ NADA ESTÁ CONVOSCO//
NARRADORA - O VELHO HOMEM SAI E VAI ATÉ OUTRO BAR/ QUE
AINDA ESTÁ ABERTO//⁶
TEC - SOM DE PASSOS//

Esse trecho, que ilustra a técnica do fluxo de consciência no conto, revela o que se passa na mente do garçom mais velho, quando ele fecha o seu bar, pouco antes do cliente sair e se deslocar para outro estabelecimento. Para destacar esse trecho em monólogo direto, inteiramente diferente de todo o resto da narração, o efeito sonoro utilizado foi o de um eco. Como se o ouvinte estivesse penetrando em galerias da memória que, só através desse registro de um fluxo de consciência, ele pudesse entrar para ter o privilégio de ver uma mente pensando.

O ritmo das frases, de repente, se modifica. Frases curtas, sem pontuação, com uma sintaxe reduzida, sem um enunciador definido. Apenas uma sucessão de frases com efeito de *nonsense*. Uma paródia, na verdade, que brinca com as orações Pai Nosso e Ave Maria, em que a palavra NADA se repete, sem cessar. O efeito é brutal: desesperança, aridez, vazio, negativismo. Enfim, o que se tem é o completo niilismo, que caracteriza a Geração Perdida da década de 20 e da qual Ernest Hemingway fazia parte. A história, portanto, se passa na Europa, exatamente na Espanha, o que se pode perceber pela quantidade de palavras em espanhol inseridas no texto, e registre-se ainda que o conto foi publicado em 1926. Logo, este é o palco da Geração Perdida, materialista, sem fé, desorientada com os destroços que sobraram da primeira guerra mundial.

⁶ "Good night," the other said. Turning off the electric light he continued the conversation with himself, It was the light of course but it is necessary that the place be clean and pleasant. You do not want music. Certainly you do not want music. Nor can you stand before a bar with dignity although that is all that is provided for these hours. What did he fear? It was not a fear or dread, It was a nothing that he knew too well. It was all nothing and a man was a nothing too. It was only that and light was all it needed and a certain cleanliness and order. Some lived in it and never felt it but he knew it all was nada y pues nada y nada y pues nada. Our nada who art in nada, nada be thy name thy kingdom nada thy will be nada in nada as it is in nada. Give us this nada our daily nada and nada us our nada as we nada our nadas and nada us not into nada but deliver us from nada; pues nada. Hail nothing full of nothing, nothing is with thee (HEMINGWAY, 1963, p. 420).



É importante esse trecho para ser enfatizado e comentado em sala de aula, solicitando inclusive aos alunos que pesquisem as preces diluídas no monólogo. Sugere-se comentar, ainda, o panorama da Depressão Econômica de 1929, nos Estados Unidos, e também na Europa. A derrocada de valores também importa ser discutida nesse conto, pois as questões éticas são pontos fundamentais para serem trazidos para uma sala de aula. E, como contraponto de tudo isso, a profunda humanidade e solidariedade do garçom mais velho, que entende a solidão do Outro. Uma solidão da qual ele também sofre.

Como fica constatado, esse espaço de sala de aula acaba por transformar-se em um foro de discussões as mais diversas, em que a língua-alvo torna-se apenas um instrumento de comunicação, que leva a um fim maior: a formação identitária do aprendiz. Torna-se, na verdade, uma arena para se trabalhar conflitos éticos e transculturais, em que o audiolivro, como se pode perceber, teria ocupado um papel fundamental através da voz impressa nessa mídia sonora. De modo que os alunos puderam não só ouvir o conto na língua alvo, mas também na própria língua, o que os motivou a fazer comparações. Naturalmente, que esse recurso serviu como propulsor do interesse do aluno, tendo-se contemplado, assim, a percepção auditiva, o que favorece as pessoas que têm uma deficiência visual, um público alvo que não se pode deixar de considerar com atenção.

Considerações finais

Convém fechar essas reflexões sobre mídias sonoras, observando que se trata de um campo vasto e aberto para as incursões mais diversas. Em sala de aula, abre-se todo um leque de possibilidade, sendo um recurso valioso para ser explorado. E, acima de tudo, a questão da acessibilidade vinculada ao audiolivro é uma tônica da presente pesquisa. A ideia é disponibilizar um “cardápio” de possibilidades para os ouvintes; para aqueles que possuem necessidades especiais, essa disponibilização ocorre conforme a preferência do ouvinte, quer privilegie a modalidade interpretativa com o audiolivro, quer a “leitura branca”, que se concretiza na produção digital acessível do padrão Mecdaisy.

E, do lugar de fala de um geneticista, é possível, mais uma vez, constatar que o processo de criação é um processo semiótico contínuo, marcado pelo inacabamento, pois não só o trabalho de tradução, como o de gravação da mídia sonora, tem passado por vários ajustes, registrados nos dossiês de criação que guardam um percurso tão complexo.



Rasuras existirão sempre, pois o processo de criação é marcado pela falibilidade, sendo da condição humana essa limitação de ser falível; essa tendência de estar se corrigindo continuamente, em busca de um signo que parece sempre buscar uma completude, que nunca acontece.

Portanto, tem sido uma experiência rica trabalhar com um projeto de pesquisa que versa sobre criação de audiolivros a partir da tradução de textos de uma língua estrangeira para o português, o qual possibilita um amplo aprendizado a todos os envolvidos, incluindo alunos e professores, ao tempo em que são construídas pontes entre áreas que se completam, como Letras, Comunicação, Ensino, Literatura, Tradução, Teatro, Mídia Sonora. Enfim, é gratificante ver um trabalho de tradução sair do papel e passar para a voz, para outro suporte, tornando o texto literário acessível a um grande público. Finalmente, pensando sobre as implicações desses estudos, que valorizam não só o produto a ser entregue ao público, mas também o processo, a gênese, propõe-se um novo campo da Crítica Genética: a Crítica Genética Inclusiva.

Referências

- ALVES, F., SCHEIBLE, I. H.J. Vermeer: a teoria da funcionalidade (Skopostheorie) e a supremacia da finalidade. In: VIEIRA, E. (org). **Teorizando e contextualizando a tradução**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996, p. 173-183.
- BIASI, Pierre-Marc. O horizonte genético. In: ZULAR, Roberto (org). **Criação em processo: ensaios de crítica genética**. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 219 - 252.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Nova tecnologia torna livros acessíveis a alunos cegos**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13782:nova-tecnologia-torna-livros-acessiveis-a-alunos-cegos&catid=205 Acesso: 11 jul 2011.
- CARLSON, M. **Performance**. Uma introdução crítica. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.
- CAVARERO, A. **Vozes plurais**. Belo Horizonte: Humanitas, 2011.
- GARDNER, H. **Multiple intelligences: the theory in practice**. N. York: Basic Books, 1993.
- HEMINGWAY, E. A Clean, well-lighted place. In: **The Hemingway reader**. N. York: Scribner-s Sons, 1963, p. 417-422.
- LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 1978.
- VIGOTSKI, L. S. Fundamentos de defectologia. In: **Obras completas**. Tomo V. Trad. de Maria del Carmen Ponce Fernandez. Havana: Pueblo y Educación, 1997.